

O MINP e o combate a pandemias: como um manual interativo agiu na aplicação de ideias contra a COVID-19

MINP and the fight against pandemics: how an interactive manual worked to apply ideas against COVID-19

Lara Pereira Silva - UESPI

Jornalista graduada pela UESPI - Universidade Estadual do Piauí (Teresina - PI), pesquisadora aplicada em fenômenos sobre gamificação e fenômenos contemporâneos. E-mail: larapsilva@aluno.uespi.br

Orlando Maurício de Carvalho Berti - UESPI

Professor, pesquisador e extensionista do Bacharelado em Jornalismo da UESPI - Universidade Estadual do Piauí (Teresina - PI). Atua em pesquisas aplicadas sobre tecnologias sociais. E-mail: berti@uespi.br

Resumo

Destaca-se como o MINP – Manual Interativo de Combate a Pandemias – www.manualminp.com – é utilizado como produto prático comunicacional na aplicação de combate a doenças, notadamente a COVID-19. Objetiva-se apresentar ferramentas que ajudassem na reflexão, debate e ação para o combate a pandemia, destacando a importância da aplicação de tecnologias sociais e explicando de forma didática questões de prevenção e combate ao Coronavírus. Metodologicamente é feito um estudo prático, com base em pesquisa-ação e pesquisa-participante, na construção de um produto empírico que possa ser compartilhado socialmente e atingir, direta e indiretamente, os mais diversos setores da sociedade, cumprindo-se duas funções básicas da universidade, que é oferecer respostas ao meio em que está inserida e provocar ações.

Palavras-chave: Comunicação; tecnologias; tecnologias sociais; manual interativo; COVID-19.

Abstract

It stands out how the MINP – Interactive Manual for Combating Pandemics – www.manualminp.com – is used as a practical communication product in the application of combating diseases, notably COVID-19. The aim is to present tools that help in reflection, debate and action to combat the pandemic, highlighting the importance of applying social technologies and explaining in a didactic way issues of preventing and combating the Coronavirus. Methodologically, a practical study is carried out, based on action research and participant research, in the construction of an empirical product that can be shared socially and reach, directly and indirectly, the most diverse sectors of society, fulfilling two basic functions of university, which is to offer responses to the environment in which it operates and provoke actions.

Keywords: Communication; technologies; social technologies; interactive manual; COVID-19.

Artigo recebido em: 12/07/2023 e aprovado em: 01/11/2023

1 A Covid-19 e os desafios contemporâneos das mediações informacionais

O SARS-CoV-2 ou novo coronavírus, que causa a Covid-19, surgiu como uma crescente e se espalhou por todas as partes do mundo. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS (2020), os primeiros casos da doença, até então vista como uma pneumonia misteriosa, foram notificados em dezembro de 2019 em Wuhan, província de Hubei, na China, em pacientes que apresentavam falta de ar e febre. Segundo a OPAS (*op. cit.*), no dia 31 do mesmo mês e ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada e uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, o primeiro sequenciamento do vírus foi feito por cientistas japoneses que confirmaram ser um novo tipo de coronavírus humano, o sétimo já identificado.

De acordo com a mesma organização (*op. cit.*), no dia 30 de janeiro de 2020, o novo coronavírus foi declarado pela OMS como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) e já atingia mais de 20 países, como trouxeram Wilder-Smith e Freedman (2020). No dia 11 de fevereiro de 2020 o vírus foi nomeado como SARS-CoV-2 e um mês depois, no dia 11 de março de 2020, a pandemia foi declarada oficialmente pela OMS, mostrando que os surtos da doença já haviam se espalhado por grande parte do mundo. Os principais sintomas são “febre, tosse seca, fadiga e falta de ar. No entanto, alguns pacientes podem até reclamar de dor de garganta, dor de cabeça, diarreia, coriza / nariz entupido e dores no corpo” (GRENDENE *et al*, 2021, p. 4).

Conforme o Ministério da Saúde (2020), em território brasileiro, a trajetória da Covid-19 iniciou em 26 de fevereiro de 2020, quando o primeiro caso do Brasil e da América Latina foi confirmado: tratava-se de um homem de 61 anos, morador da cidade de São Paulo (SP), que havia visitado a Itália. 15 dias depois, como aponta Verdélio (2020), o país registrou o primeiro óbito, no dia 12 de março de 2020: uma mulher de 57 anos também moradora da cidade de São Paulo (SP). Essa nova doença, de rápida propagação e com poucos tratamentos conhecidos mudou a rotina do mundo e trouxe impactos em diversos setores: sociais, econômicos, políticos, educacionais, de saúde e também jornalísticos.

Uma das primeiras medidas tomadas pelas autoridades em saúde para frear o contágio pelo vírus foi a adoção do distanciamento social, que se popularizou como *lockdown*. Como explicam Wilder-Smith e Freedman (2020), o principal objetivo dessa ação era reduzir o

contato entre pessoas infectadas e não infectadas. A princípio acreditava-se que o período teria duração de 15 dias, entretanto, acabou por durar meses em várias partes do país e do mundo.

O cenário paradoxal de hospitais sobrecarregados e ruas vazias, em meio à empresas fechadas, à implantação do teletrabalho e da educação remota, por exemplo, foi marcante e contribuiu para que continuássemos cumprindo nossos papéis em meio a essa nova realidade que, segundo Berti (2020b), mais cedo ou mais tarde, chegou e modificou a rotina do mundo todo. “A pandemia [...] veio para preocupar, alterar nossas realidades, complicar a vida da maioria e, infelizmente, matar muita gente” (BERTI, 2020b, p. 13-14).

Outras situações comuns no primeiro ano pandêmico também foram o isolamento e a quarentena, que conforme Wilder-Smith e Freedman (2020), a primeira refere-se a separação de pessoas infectadas para que não transmita aos não infectados e a segunda diz respeito a restrição de movimentos de pessoas que foram expostas ao vírus, mas ainda não estão doentes, como foi o caso dos brasileiros que foram trazidos de Wuhan após os primeiros casos de Covid-19. Todas essas fases foram necessárias para reduzir as contaminações por transmissão direta, segundo os mesmos autores, ou por superfícies contaminadas.

Nesse contexto de adaptações cruciais, o jornalismo se constituiu como mais uma frente de combate à pandemia, principalmente ajudando a população a ficar em casa, como avaliam Felisbela Lopes *et al* (2021). Wilder-Smith e Freedman (2020) afirmam que as mídias sociais precisaram ser bem utilizadas, visto que eram úteis para comunicar os motivos da quarentena, tranquilizando e dando conselhos práticos, além de enfrentar as *fake news* e evitar o pânico, o que possibilitou essa realidade foi o que denominamos de mediação informacional. De acordo com Elisângela Lasta (2015) a mediação teoriza o processo de comunicação como um todo, é a “descrição das características gerais relativas a qualquer processo de comunicação de mídia” (LASTA, 2015, p. 24).

De maneira simplificada, mediar é ligar duas partes e fazê-las se comunicarem (SODRÉ, 2009 *apud* LASTA, 2015). Para isso, é necessário um mediador, que no caso da informação são os jornalistas. Conforme Yasmim Cunha (2021), esses profissionais cumpriram um papel essencial para esclarecer os fatos que estavam ocorrendo no mundo, com a transparência e a clareza que o público precisava no período pandêmico. Inicialmente, precisávamos informar que cuidados eram necessários e como lidar com as adaptações impostas pela pandemia, pois, na hora de:

noticiar, acompanhar, divulgar, e informar os acontecimentos advindos da pandemia da COVID-19, a base principal do Jornalismo é a credibilidade, a confiança do público, e assim a responsabilidade para com a sociedade se torna ainda maior. Cada informação repassada pode causar impacto, salvar vidas e auxiliar na tomada de decisões (CUNHA, 2021, p. 35).

A importância de construir um jornalismo responsável com informações confiáveis se reafirma pois “a mídia e a comunicação têm efeitos poderosos não apenas na cognição e na atitude, mas também no comportamento das pessoas – especialmente em uma época de tanta ‘infodemia’” (DEUZE, 2021, p. 4). Infodemia é um termo utilizado para definir “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OPAS, 2020) e foi amplamente utilizado pelas fontes oficiais de saúde para caracterizar o comportamento informacional durante a pandemia. Nesse cenário, nota-se como os jornalistas desempenharam papéis centrais e resolutivos no combate ao vírus, trazendo pautas relevantes para auxiliar no conhecimento geral sobre a Covid-19 e, inclusive, incentivando o pensamento crítico, já que o jornalismo “não tem mais o foco apenas em noticiar o problema, mas em ajudar a propor soluções, assim como tornar cada vez mais acessível a liberdade de interpretação, a participação da sociedade” (CUNHA, 2021, p. 40).

As primeiras informações da cobertura pandêmica, de fato, foram sobre a doença, como se proteger do vírus e como manter a saúde mental durante o isolamento, por exemplo. Entretanto, novos atores entraram na cobertura sobre a Covid, como é o caso da trama política que entrelaçou a cobertura do vírus. “A crise política suscitada pela pandemia ganhou contornos particulares, com a disputa entre atores públicos dos três poderes, o Executivo em especial” (FERRAZ, 2020, p. 274). Esses fatos também ganharam outros desdobramentos pois “houve a preocupação em diversificar ângulos a partir de vários campos sociais (saúde, trabalho, educação, ação social...), procurando dotar diferentes públicos de informação relevante” (LOPES *et al*, 2020, p. 224).

Tais necessidades midiáticas de abordagem contribuíram para o que Ferraz (2020) caracteriza como “a superexposição sem precedentes da Covid-19”, pois a crise sanitária provocada pelo vírus e suas consequências tornaram-se temáticas centrais em todas as esferas de mediação:

Nos veículos tradicionais, a Covid-19 está presente em praticamente todas as editoriais, de política à nacional, passando por economia, esportes e cultura, cada qual com abordagens e enquadramentos diversos. O desenrolar dos

fatos, com a divulgação diária de novos casos e mortes, além da superlotação nas UTIs e dos estudos científicos em torno da nova doença, foi fundamental para a superexposição sem precedentes da Covid-19 no noticiário (FERRAZ, 2020, p. 275).

Com o avançar da crise, outros recortes foram incorporados, como a luta pelas vacinas e as campanhas de conscientização para a imunização. Pelo dever jornalístico de cobrir a saúde de forma “‘precisa, equilibrada e completa’, para que o público esteja adequadamente informado e pronto a participar na tomada de decisões” (LOPES *et al* 2020, p. 212). Mas, quase três anos depois de seu surgimento, a Covid-19 ainda impacta nossas vidas. Neste tempo, novas variantes se desenvolveram, novas ondas surgiram e, infelizmente, 692.280 mortes foram contabilizadas no país até 20 de dezembro de 2022, segundo o Painel Coronavírus do Ministério da Saúde (2022).

2 Os impactos da pandemia de Covid-19 no jornalismo

Como já citado, o Jornalismo foi uma área importante nos desdobramentos da pandemia e teve, inclusive, que incorporar mudanças à sua rotina e modos de fazer. Isso foi importante pois “os relatos jornalísticos foram decisivos para dar ‘vida’ à Covid-19” (FERRAZ, 2020, p. 274), assim, os jornalistas precisavam continuar informando, mesmo com obstáculos até então desconhecidos. Essa realidade vai de encontro com o conceito proposto por Mark Deuze (2016). O autor acredita que o jornalismo precisa ser visto como um objeto em movimento, “precisamos perguntar o que está se tornando o jornalismo, em vez de se perguntar o que é o jornalismo” (DEUZE, 2005 *apud* DEUZE; WITSCHGE, 2016, p. 18). Dessa maneira, jornalismo também é adaptação.

A pandemia de Covid-19 não foi o primeiro fato histórico a exigir essa adaptabilidade, Ferraz (2020) destaca o exemplo da H1N1, que ficou conhecida como gripe suína, e foi bastante midiaticizada em 2009, sendo uma das últimas ameaças sanitárias a nível global antes da Covid-19. Mas quais são as diferenças entre as coberturas de ambas as doenças? Lopes *et al* (2020) citam alguns motivos pelos quais consideram o panorama midiático atual “mais complexo do que nunca”, entre eles: a existência de inúmeras plataformas digitais, as mudanças nos hábitos de consumo midiáticos, o maior controle que as pessoas têm sobre o tipo de conteúdo que querem consumir ou não e, por último, a pulverização dos produtores de conteúdo.

Sem dúvidas, a internet se modifica a cada dia. Novos aplicativos surgem, novas redes sociais bombam, outras perdem força, os formatos de interação se alteram e tudo isso impacta, direta ou indiretamente, o campo comunicacional. Miranda, Fidalgo e Martins (2021) também pontuam outras razões tecnológicas que influenciam o jornalismo, como os fluxos comunicacionais instantâneos possibilitados pela internet, que interferem e modificam a forma como a notícia é produzida e exige mais rapidez em todas as etapas de publicação. A quebra da exclusividade jornalística no processo noticioso, pois atualmente “as inovações tecnológicas [...] tornaram acessível a todos o que antes estava reservado só a alguns” (MIRANDA; FIDALGO; MARTINS, 2021, p. 290) e as possibilidades de autonomia e independência dos profissionais como alternativa para enfrentar as crises econômicas das empresas de comunicação. Todos os fatores citados apontam para uma realidade que impacta o cenário jornalístico. Não apenas por ‘competir’ espaço com novos elementos, mas também por dar ênfase ao leque de possibilidades que é a comunicação atual. O público possui muitas oportunidades de se manter informado, porém nem todas as informações são produzidas levando em consideração a qualidade e veracidade dos acontecimentos. Além disso, atualmente o consumidor comum quer conteúdos rápidos e dinâmicos, vídeos de um minuto, parágrafos curtos e objetivos, estaríamos vivendo a *tiktokzação* das notícias? A terceirização das interpretações? A atualização por tabela? Levaremos algum tempo para descobrir onde tudo isso vai dar.

Contudo, essa complexidade é observada desde antes da Covid, sendo apenas acentuada durante esse período. Com as pessoas dentro de casa e querendo entender o que estava acontecendo, as mídias digitais e a internet foram substancialmente importantes, tanto pela rapidez das atualizações, quanto pela liberdade que proporcionam. Como Lopes *et al* (2021) destacam, estávamos lidando com um vírus cujo comportamento era desconhecido até mesmo pelos cientistas, e isso “exigiu aos jornalistas um esforço acrescido na seleção e confirmação das fontes de informação” (LOPES *et al* 2021, p. 59). Mas os desafios não param por aí.

As mesmas autoras também identificam que os ritmos de produção mudaram e foram intensificados, principalmente pela nova condição remota de trabalho. Novas relações com as fontes e novas possibilidades de se comunicar à distância surgiram. Estávamos rodeados de muitas informações e poucas certezas. Essa necessidade de permanecer em casa trouxe muitas consequências. Como acompanhar a doença de perto e de longe ao mesmo tempo? Era possível apurar e manter a população bem informada sem conseguir sair de casa?

Por causa do isolamento, muitas redações logo se transformaram em um modelo híbrido de elos interligados para transmitir os fatos e retratar a pandemia com a importância e a sensibilidade que o tema necessita (SILVA; BERTI, 2022, p. 3).

Para Teixeira e Brito (2022), os desafios de adaptação foram ainda maiores, pois nem todas as organizações estavam preparadas para o cenário de trabalho remoto, o que aumentou as pressões internas e obrigou os profissionais a reavaliarem suas habilidades. Isso foi necessário pois, como ressalta Cunha (2021), o jornalismo é um serviço essencial e foi importante para combater o vírus, preservando e salvando vidas através da informação.

Por essa importância, medidas de segurança foram adotadas para que o trabalho desses profissionais fosse realizado com a mesma qualidade e credibilidade que a audiência necessitava. As maneiras de produzir foram alteradas, pois o jornalismo atual “não tem mais o foco apenas em noticiar o problema, mas em ajudar a propor soluções, assim como tornar cada vez mais acessível a liberdade de interpretação, a participação da sociedade” (CUNHA, 2021, p. 40). Mas as formas de consumo também eram novas, como destacam Lopes *et al* (2020), a substituição da TV pelos smartphones e a grande quantidade de conteúdos à disposição, exemplificam tais mudanças.

Além das dúvidas, consequências e paradoxos, a realidade pandêmica trouxe avanços. Positivamente, abraçamos as videochamadas e reduzimos distâncias através dessas ferramentas, por exemplo, hoje é muito mais natural entrevistar alguém do outro lado do oceano através de um aplicativo, o que nos proporciona uma maior pluralidade de fontes e vivências. Pudemos experimentar e reexperimentar novas maneiras de produção e interação tornando a comunicação mais fluida, humana e inclusiva. “Tivemos a oportunidade de prestar mais atenção, acompanhar mais fatos, entender histórias e darmos mais nossas opiniões. Pudemos nos conectar muito mais” (BERTI, 2020b, p. 36).

Também nos aprofundamos em novos *softwares*, que trouxeram mais qualidade e agilidade ao trabalho do dia a dia e nos adaptamos a novas formas de contar histórias, como os vídeos curtos, que puderam ser incorporados para chamar atenção a um tema relevante e fazer parte das estratégias crossmídia das empresas de comunicação. Essas ferramentas, por exemplo, vieram para somar bons resultados e novas formas de transmitir informações.

Se o jornalismo se assume como um dos meios de combate às pandemias, as fontes de informação oficiais devem também centrar recursos que canalizem

em permanência informação rigorosa, dados fidedignos e interlocutores que saibam transmitir o que os cidadãos têm de saber para cuidar da saúde, sua e dos outros (LOPES *et al*, 2020, p. 227).

Entretanto, o período de *home office* também foi prejudicial em alguns aspectos. Conforme Miranda, Fidalgo e Martins (2021), os profissionais também perderam a rotina de participação coletiva e interação entre os colegas no ambiente redacional, a relação jornalista-fonte foi despersonalizada e passou a ser mediada à distância, tornando-nos ainda mais dependentes desses aparelhos. Mas principalmente, o impacto pandêmico no dia a dia, a dificuldade de verificação de notícias e o maior espaço para as informações que circulavam na *internet* levou o público a absorvê-las, o que auxiliou a fortalecer o surgimento de notícias falsas e a propagação de fatos distorcidos, as famosas *fake news*. A desinformação e o aumento da circulação de notícias falsas não são novidade e exclusivas do jornalismo pandêmico. Corrêa e Giacomassi (2018), já explicavam que as plataformas *online* sendo a principal fonte de informação da atualidade, tornavam-se mais propícias à disseminação de *fake news*. Mas nesse período elas foram (e são!) grandes desafios como citam Lopes *et al* (2021). No entendimento de Cunha (2021), as redes sociais podem alcançar muitas pessoas de diferentes lugares e vivências “e isso apesar de democrático, nem sempre é positivo, tendo em vista que atualmente as redes sociais são um ponto de divulgação de *fake news*, e com a pandemia, não seria diferente” (CUNHA, 2021, p. 96). No entendimento de Lopes *et al* (2020), essa realidade exige ainda mais dos profissionais de jornalismo. Precisamos travar uma batalha dupla de divulgar a verdade e ainda combater as mentiras, já que “a informação enquanto notícia, salva, mas também prejudica” (CUNHA, 2021, p. 47).

Em relação a isso, Lisboa e Pereira (2023) acrescentam ainda a descredibilização dos jornalistas como fator que contribuiu para o aumento da desinformação e da instabilidade do enfrentamento ao vírus. As autoras destacam que os jornalistas não são mais um elo exclusivo entre público e notícia, o que abre espaço para narrativas deturpadas ou mentirosas em relação à uma doença que era, até então, desconhecida pela maioria das pessoas. Mas explicam que, mesmo na intenção de descredibilizar, contraditoriamente, as informações falsas também se utilizam das técnicas do jornalismo para desinformar, pois isso traz mais credibilidade aos relatos.

Deuze e Witschge (2016) compreendem que na era digital todos podem usar as técnicas do jornalismo, mas são responsáveis por suas consequências. Assim, usar métodos conhecidos para esconder uma mentira e divulgar como verdade é uma prática grave. Mas “quando o

assunto é saúde, as *fake news* podem ser ainda mais devastadoras e ter consequências mais maléficas, impactando expressivamente uma geração inteira” (BERTI, 2020a, p. 171). Essa situação pode ser exemplificada pelo caso da hidroxicloroquina. Como explica Berti (2020b), esse medicamento, que é utilizado para malária e lúpus, foi apresentado como milagroso para a Covid-19, inclusive por profissionais da saúde e com o apoio do Governo Federal. Mais tarde, como aponta Florêncio (2021), estudos comprovaram que a cloroquina e a hidroxicloroquina eram ineficazes contra o vírus.

Para Teixeira e Brito (2022) essa desinformação é uma das consequências mais alarmantes das redes sociais, pois afeta as bases políticas e sociais da democracia, como vimos na pandemia. Os autores propõe que para superá-las é necessário mais do que fiscalização por meio de plataformas digitais e sim que sejam desenvolvidas ‘profundas inovações’ que auxiliem a propagar a importância de informações confiáveis e éticas, o que “demanda o envolvimento de Estados, sistemas educacionais e, também, jornalistas e meios de comunicação” (TEIXEIRA; BRITO, 2022, p. 129).

Outra herança negativa dos tempos pandêmicos é uma prática antiga nas redações, mas que foi muito acentuada pelo *home office*, um conceito denominado por Filipa Soares (2012) como ‘jornalismo de secretária’, que consiste na reprodução de notícias de outras pessoas sem a devida apuração ou aprofundamento. O famoso ‘copia e cola’. Esse comportamento tem suas raízes na falta de profissionais nas redações, mas foi ainda mais naturalizado e aceito durante a pandemia, trazendo uma falsa sensação de produtividade e rapidez na divulgação de informações quando o trabalho era realizado à distância. Essa situação ressalta ainda como o trabalho jornalístico, que deveria ser de checagem, vem sendo feito de maneira automática.

Levando tais fatores em consideração, a adaptação dos profissionais da comunicação à pandemia vigente foi repleta de desafios. “O Jornalismo precisou mais do que nunca exercer a ética e a responsabilidade, e se reinventar dentro do novo cenário, que muda constantemente” (CUNHA, 2021, p. 36). Miranda, Fidalgo e Martins (2021) explicam que as transformações que envolveram os jornalistas ocorreram não apenas no que diz respeito às rotinas produtivas, mas também nas temáticas do cotidiano, visto que grande parte das pautas, das mais diferentes editoriais, incluía a Covid-19 e seus desdobramentos.

De uma hora para outra, praticamente todos os meios de comunicação do País dedicaram boa parte de suas programações a apresentar números e histórias, uma mais triste que a outra, sobre falecimentos e também buscas por tratamento da COVID (BERTI, 2020b, p. 31).

Essa realidade monotemática foi corroborada ainda por um fator que já era enfrentado antes disso tudo: a descredibilização da imprensa. Para Camponez e Oliveira (2021) o jornalismo é uma profissão que constantemente enfrenta crises e uma delas é de credibilidade. Traquina (2005) compreende que a credibilidade é um dos aspectos fundamentais da competência jornalística e explica que “para ser credível, um indivíduo deve provar ser seguro como fonte de informação” (TRAQUINA, 2005, p. 42), ou seja, obter uma relação de confiança. Entretanto, de tempos em tempos, alguns fatores abalam a troca entre jornalista e público.

No entendimento de Miranda, Fidalgo e Martins (2021), um dos fatores responsáveis pela perda de credibilidade, em geral, é a aproximação do jornalismo com a publicidade a fim de continuar gerando receitas comerciais em meio a crises constantes. Segundo os autores, isso obriga em muitos casos a diminuição da exigência ética de produção, principalmente no que diz respeito aos conteúdos patrocinados, e assim afeta a qualidade da notícia, descredibilizando o jornalismo.

A credibilidade, a noticiabilidade, a checagem, a apuração, a confiança e o compromisso com a verdade, têm de andarem em junções na corrida contra o tempo para a divulgação e, conseqüentemente, na conquista de audiências e públicos que as conjunturas contemporâneas exigem (CUNHA, 2021, p. 42).

Flores (2019) cita que o nível de credibilidade dado ao jornalismo também é influenciado pela desinformação. No caso da pandemia, essa afirmação pode ser comprovada principalmente pelos ataques à imprensa e aos jornalistas. Conforme o Relatório de Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, lançado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em 2020 foram registrados 428 casos de agressão profissional à imprensa, cerca de 106% mais do que no ano pré-pandêmico. Em 2021 o número foi semelhante, totalizando 430 casos.

Essa grave situação foi fruto principalmente de ataques políticos. “A continuidade das violações à liberdade de imprensa no Brasil está claramente associada à ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República” (FENAJ, 2022). Segundo o relatório de 2021, o presidente sozinho foi responsável por 129 episódios de descredibilização da imprensa e 18 de agressões verbais a jornalistas. Esse comportamento também incentivou muitos episódios protagonizados pelos apoiadores e simpatizantes de Bolsonaro e seus aliados.

No geral, os impactos da pandemia são “ruínas ainda não calculadas e que demorarão anos para serem reconstruídas totalmente” (BERTI, 2020b, p. 26). Mesmo com a mudança na conjuntura política brasileira, o cenário de descrédito ainda será uma herança negativa por algum tempo. Portanto, cabe aos jornalistas e demais profissionais da comunicação continuarem a realizar um trabalho de qualidade vinculados aos compromissos éticos, que contradigam as afirmações de que a imprensa não cumpre o seu papel de divulgar os fatos baseados na verdade.

3 Reflexões sobre o MINP combatendo a COVID-19

O Manual Interativo de Combate a Pandemias, como já citado, é originalmente fruto de uma pesquisa de Iniciação Tecnológica da presente autora e professor orientador. Partindo disso, buscamos avançar aplicando os conceitos de gamificação no produto, por isso MINP 2.0. Atualmente, o *site* www.manualminp.com está hospedado na plataforma gratuita *Wix*, que pretendemos continuar utilizando. A confecção do material será realizada de fevereiro a maio de 2023 e posteriormente será analisada no quinto capítulo deste mesmo trabalho.

FIGURA 1 – HOME DO MINP



FONTE: MINP (2023)

Como já supracitado, o Manual já caracteriza-se como interativo, principalmente pela utilização de *gifs*, vídeos, ilustrações, *quizzes* e *hiperlinks* aliados aos textos informativos. Para Pernisa Júnior (2010), esses *links* formam ligações entre o tema de maior abrangência e as matérias de angulações menores, sendo assim guiados a partir do interesse do usuário, que pode clicar ou não para consumi-las.

Além dos conceitos já aplicados no MINP, como a interação, interatividade e o princípio de tentativa e erro, através dos jogos de perguntas e respostas (*quizzes*), outras etapas de gamificação serão utilizadas, como: avatares, narrativa, níveis, diversão e cooperação, principalmente. Mas também pretendemos buscar formatos de aplicação para sistemas de *feedback* e recompensas.

Os avatares são personagens nos jogos, no MINP pretendemos utilizar cinco variações que levam o nome de variantes da Covid-19, sendo eles: *Alfa*, *Beta*, *Gama*, *Delta* e *Ômicron*. Eles foram escolhidos para representar o usuário na narrativa do *site* pois serão, ironicamente, combatentes do SARS-CoV-2. A aparência dos avatares será de 'monstrinhos' de forma que seja divertido e didático a todas as faixas etárias, mais uma vez reforçando a forma não-tradicional de informar sobre a pandemia.

A narrativa de combate à Covid será reforçada durante os passos do *site* e o avatar permanecerá ao longo do percurso auxiliando o usuário e trazendo curiosidades sobre o tema debatido. A intenção é que à medida em que o internauta navega em busca de mais informações, novas áreas sejam desbloqueadas como níveis a se alcançar, incluindo *upgrades* da aparência do seu avatar.

Todo esse percurso incentiva a motivação do usuário em descobrir novas informações e possibilidades no Manual, o que também traz a diversão e cooperação pretendidas e, conseqüentemente, incentiva a aprendizagem, já que o *site* também busca ser didático e educativo.

Atualmente o MINP possui 40 páginas de conteúdo, sendo 20 delas na seção de linha do tempo da Covid, 10 na de desenvolvimento da pandemia, 5 na seção de futuro e 5 na de indicações sobre a Covid. Após a aplicação das técnicas de gamificação acredita-se que esse número seja dobrado ou triplicado, pois realizar esse trabalho exigirá mais detalhamentos e conseqüentemente, maior número de *hiperlinks*.

Referências

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. Quem cuida de quem cuida? As redes sociais em tempos de combate à pandemia da COVID-19 contra as fake news. O caso do Instagram e do Whatsapp da Rede de Solidariedade de Segurança do Trabalho no Piauí. **Rizoma**, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 146-164, 5 jan. 2020a. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/15390>. Acesso em: 30 dez. 2022.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. Quem cuida de quem cuida? O Instagram e a rede de solidariedade e informação no combate à COVID-19 no Piauí. **Teresina: EdUESPI**, 2020b. Disponível em: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/book/15>. Acesso em: 29 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 08 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde (SVS): Guia de Vigilância Epidemiológica. **Painel Coronavírus**. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. Jornalismo, inovação e empreendedorismo: questões sobre modelos de negócio em contexto de crise. **Líbero**, n. 41, p. 74-87, 2018. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/924>. Acesso em: 30 dez. 2022.

CAMPONEZ, Carlos; OLIVEIRA, Madalena. Jornalismo em Contexto de Crise Sanitária: representações da profissão e expectativas dos jornalistas. **Comunicação e Sociedade**, [s.l.], v. 39, p. 251-267, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cs/5508>. Acesso em: 29 nov. 2022.

CORRÊA, Elizabeth Saad; GIACOMASSI, Fernanda. Inovações no Jornalismo para além das tecnologias digitais. **Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 57-37, jun. 2018. Semestral. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/920/971>. Acesso em: 29 out. 2022.

CUNHA, Yasmim Helleen. **O eu jornalista contra a pandemia: rede Piauí sem Covid**. Teresina: EdUESPI, 2021. 158 p. Disponível em: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/view/82/73/404-1>. Acesso em: 29 out. 2022.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o Jornalismo está se tornando. **Revista Parágrafo**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 6-21, 12 dez. 2016. Semestral. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478/445>. Acesso em: 29 nov. 2022.

DEUZE, Mark. Sobre la ‘gran narrativa’ de la teoría y la investigación de los medios y la comunicación de masas: una revisión. **Profesional de La Información**, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 1-14, 18 jan. 2021. Ediciones Profesionales de la Información SL. Disponível em: http://www.profesionaldelainformacion.com/contenidos/2021/ene/deuze_espanol.pdf. Acesso em: 24 nov. 2022

FARDO, Marcelo Luís. A gamificação aplicada em ambientes de aprendizagem. **Renote**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 1-9, 5 ago. 2013. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.seer.ufgrs.br/index.php/renote/article/view/41629/26409>. Acesso em: 05 nov. 2022.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil | Relatório 2020**. Brasília: [s.n.], 2021. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf. Acesso em 29 dez. 2022.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil | Relatório 2021**. Brasília: [s.n.], 2022. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-da-Viol%C3%Aancia-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021.pdf>. Acesso em 29 dez. 2022.

FERRAZ, Luiz Marcelo Robalinho. Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 273-278, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2128>. Acesso em: 22 dez. 2022.

FLORENCIO, Raphael. Estudo constata ineficácia de cloroquina e hidroxicloroquina contra Covid-19. **CNN Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/estudo-constata-ineficacia-de-cloroquina-e-hidroxicloroquina-contra-covid-19/>. Acesso em: 29 dez. 2022.

FLORES, Ana Marta Moreira. **Jornalismo de inovação: os Estudos de Tendências como ferramenta de pesquisa**. 2019. 237 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214947>. Acesso em: 01 dez. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 14 jan. 2023.

GRENDENE, Camila Senedese *et al.* Coronavírus (covid-19): história, conhecimento atual e sequelas de longo prazo. **Revista Corpus Hippocraticum**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 1, p. 1-14, 25 ago. 2021. Anual. Disponível em: <http://189.112.117.16/index.php/revista-medicina/article/view/451>. Acesso em: 15 nov. 2022.

GROVE, Frederik De; COURTOIS, Cédric; VAN LOOY, Jan. How to be a gamer! Exploring personal and social indicators of gamer identity. **Journal Of Computer-Mediated Communication**. [s.l.], p. 346-361. 1 maio 2015. Disponível em: <https://academic.oup.com/jcmc/article/20/3/346/4067598?login=false>. Acesso em: 23 nov. 2022.

LASTA, Elisângela. **A práxis reflexiva das relações públicas na sociedade midiaticizada: mediação estratégica comunicacional nos blogs corporativos**. 2015. 258 f. Tese (Doutorado em Comunicação Midiática) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3430/LASTA%20ELISANGELA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 nov. 2022.

LISBOA, Marcia Rodrigues; PEREIRA, Allan de Gouvêa. Sob o olhar da desconfiança: jornalistas como alvo de desinformação na pandemia da Covid-19. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 17, n. 1, p. 32-57, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/55213>. Acesso em: 14 jan. 2023.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, dez. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495551017007.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023

LOPES, Felisbela *et al.* COVID-19: quando o jornalismo se assume como uma frente de combate à pandemia. In: MARTINS, Manuela; RODRIGUES, Eloy. **A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo III: Projeções**. 25. ed. Braga: UMinho, 2020. p. 205-233. Disponível em: <https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/27/53/495-2>. Acesso em: 13 nov. 2022.

LOPES, Felisbela *et al.* Covid-19: uma pandemia que reconfigura o jornalismo?. **Media & Jornalismo**, [s.l.], v. 21, n. 39, p. 57-75, 14 dez. 2021. Semestral. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/9686>. Acesso em: 13 nov. 2022.

MIRANDA, João; FIDALGO, Joaquim; MARTINS, Paulo.. Jornalistas em Tempo de Pandemia: novas rotinas profissionais, novos desafios éticos. **Comunicação e Sociedade**, [s.l.], v. 39, p. 287-307, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cs/5619>. Acesso em: 13 nov. 2022.

NAVARRO, João Rafael Ersina. **A gamificação nos processos sociais contemporâneos**. 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://portal.anhembi.br/wp-content/uploads/2022/06/Autora-JOAO-RAFAEL-ERSINA-NAVARRO-Orientadora-Prof.-Dr.-Gelson-Santana-PenhaTitulo-A-GAMIFICACAO-NOS-PROCESSOS-SOCIAIS-CONTEMPORANEOS.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.

NUNES, Ana Cecília Bisso. **O que é inovação em mídia e jornalismo? Uma análise de media labs e seus projetos**. 2020. 330 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9145>. Acesso em: 17 nov. 2022.

OLIVEIRA, Camila de. **Mercado de games no Brasil em 2023: números e tendências do setor**. [s.l.] 23 dez. 2022. Disponível em: <https://olist.com/blog/pt/como-vender-mais/inteligencia-competitiva/mercado-de-games-no-brasil/> Acesso em: 14 jan. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS) (org.). **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS) (org.). **Histórico da pandemia de COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 29 out. 2022.

PACETE, Luiz Gustavo. **O que faz do Brasil um mercado estratégico para os games?** [s.l.] 13 jun. 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2022/06/o-que-faz-do-brasil-um-mercado-estrategico-para-os-games/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

PERNISA JÚNIOR, Carlos. Jornalismo Transmidiático ou Multimídia? **Revista Interin**, Caxias do Sul, v. 10, n. 2, p. 1-10, out. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5044/504450763010.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.

PESQUISA GAME BRASIL. **Pesquisa Game Brasil, Go Games, SX Group**. São Paulo: Blend; ESPM; GOGamers; SX Brasil, 2022.

REINARDY, Scott. Newspaper journalism in crisis: burnout on the rise, eroding young journalists' career commitment. **Journalism**, Kansas, v. 12, n. 1, p. 33-50, jan. 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884910385188>. Acesso em: 31 dez. 2022.

SANTOS, Mathias Felipe de Lima; CERON, Wilson. Inteligência artificial na mídia: visões atuais e projeções futuras. In: CANAVILHAS, João *et al.* **Mobilidade e inteligência artificial: os novos caminhos do jornalismo**. Covilhã: Labcom, 2022. p. 445-473. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/144601/2/587791.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2022.

SCHUCH, Matheus; JORGE, Thaís de Mendonça. O uso do whatsapp por jornalistas de rádio em Brasília: partilha e concorrência. In: CANAVILHAS, João *et al.* **Mobilidade e inteligência artificial: os novos caminhos do jornalismo**. Covilhã: Labcom, 2022. p. 33-54. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/144601/2/587791.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2022.

SHAW, Adrienne. Do you identify as a gamer? Gender, race, sexuality, and gamer identity. **New Media & Society**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 28-44, 16 jun. 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444811410394>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SILVA, Giuliander Carpes da *et al.* Como as plataformas digitais provocaram uma ruptura no modelo de jornalismo consolidado no século XX. **Revista Eptic**, São Cristóvão, v. 22, n. 1, p. 161-178, abr. 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/12124>. Acesso em: 30 dez. 2022.

SILVA, Lara Pereira; BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Manual virtual para combate à pandemia da COVID-19 no Piauí**. João Pessoa: Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0719202216101662d7019833905>. Acesso em: 28 dez. 2022.

SILVA, Tassiana Souza da; COMASSETTO, Leandro Ramires. A notícia em pixels coloridos: uma análise sobre o jornalismo newsgame. In: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (SIEPE), 9., 2017, Santana do Livramento. **Anais eletrônicos ...** Santana do Livramento: Unipampa, 2017. v. 9, p. 1-5. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/98311>. Acesso em: 25 nov. 2022.

TEIXEIRA, Juliana Fernandes; BRITO, Vinícius Rodrigues de. Mobilidade para além dos dispositivos: uma abordagem dos efeitos da tecnologia 5G para o jornalismo móvel. In: CANAVILHAS, João *et al.* **Mobilidade e inteligência artificial: os novos caminhos do jornalismo**. Covilhã: Labcom, 2022. p. 123-146. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/144601/2/587791.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2022.

TEIXEIRA, Mateus Yoichi Seko. **Gol de Placa: como Casimiro impactou as transmissões futebolísticas**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/50216/1/Monografia%20Vers%c3%a3o%20Final%20Mateus%20Yoichi.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005. 216 p. Volume II.

VERDÉLIO, Andreia. **Primeira morte por covid-19 no Brasil aconteceu em 12 de março**. Brasília: Agência Brasil, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco>. Acesso em: 20 dez. 2022.

WERBACH, Kevin; HUNTER, Dan. **For the win: how game thinking can revolutionize your business**. Philadelphia: Wharton Digital Press, 2012. 149 p.



WILDER-SMITH, Annelies; FREEDMAN, David O. Isolation, quarantine, social distancing and community containment: pivotal role for old-style public health measures in the novel coronavirus (2019-nCoV) outbreak. **Journal Of Travel Medicine**. [S.L.], p. 1-4. fev. 2020.